

OS SONETOS DE SHAKESPEARE: ESTUDO COMPARATIVO DAS PERDAS E GANHOS DAS DIFERENTES ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS

Aluno: Débora Landsberg
Orientador: Paulo Henriques Britto

Introdução

Foi feito um estudo comparativo de traduções dos sonetos de Shakespeare. Os sonetos originais, em língua inglesa, foram escritos em pentâmetros jâmbicos. Acredita-se que a melhor forma a ser utilizada na tradução de tal estilo de verso seja o decassílabo, mas alguns tradutores usaram o verso alexandrino na empreitada. A partir de análises relativamente objetivas, baseadas em traços semânticos, lexicais, sintáticos e prosódicos, averiguou-se qual forma apresenta maior possibilidade de manter a tradução fiel ao original.

Objetivos

Averiguação de quais tipos de verso melhor correspondem ao pentâmetro jâmbico dos sonetos shakespearianos. Para isso, foram utilizados métodos relativamente objetivos de comparação, fundamentados sobre perspectivas formais e funcionais.

Metodologia

Foram escolhidos alguns sonetos para a análise inicial. Subseqüentemente, foram selecionados alguns dos poemas da análise inicial para serem analisados de forma mais minuciosa. Tais sonetos e suas traduções foram escandidos e brevemente analisados do ponto de vista semântico. Escolheram-se sonetos que apresentavam maiores problemas para serem traduzidos e cujas traduções eram mais diversificadas em termos de forma prosódica.

Foram escolhidos os sonetos I, XV, LXXIII e CXXXVIII. Em todos os sonetos, foram estudadas as traduções em decassílabos de Ivo Barroso, Jorge Wanderley e Vasco Graça Moura. Para o soneto I, LXXIII e CXXXVIII foram selecionadas as traduções em dodecassílabo feita por Jerônimo de Aquino. As traduções em dodecassílabos do soneto XV avaliadas foram as de Jerônimo de Aquino e Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Num primeiro estágio, as traduções dos poemas escolhidos foram analisadas prosodicamente. Foi levantada a pauta acentual de cada verso de cada soneto original e traduzido. Foram contabilizados todos os acentos tônicos e sílabas átonas dos poemas. Por conseguinte, estabeleceu-se uma comparação entre o número de acentos tônicos primários e secundários entre o original e cada tradução.

Depois foi feita a análise lexical, em que foi averiguada a fidelidade das traduções às escolhas vocabulares de Shakespeare. Tendo em vista a dificuldade imposta pela tradução poética, foram contabilizadas em especial as perdas de imagens poéticas ocorridas.

Em seguida, foram examinadas as mudanças semânticas, inclusive acréscimos e omissões, ocasionadas por essas trocas vocabulares. Para esclarecer eventuais dúvidas quanto à interpretação dos sonetos, foi tomado como base o estudo empreendido por Helen Vendler no livro *The Art of Shakespeare's Sonnets*. Foram, então, calculadas as grandes e as pequenas perdas imagéticas apresentadas por cada tradução.

Depois, foram averiguadas as inconsistências sintáticas das traduções em relação aos sonetos originais. Foram verificadas inversões inexistentes nos sonetos de Shakespeare, assim como acréscimos desnecessários e omissões de aspectos sintaticamente importantes.

Levaram-se em consideração as diferenças entre a sintaxe da língua inglesa e da portuguesa, contabilizando-se apenas as transformações que alteram mais o sentido e o efeito poético do original.

Com os resultados obtidos em cada uma das etapas, foi feita uma comparação tão objetiva quanto possível dos sonetos originais com as traduções e das traduções umas com as outras, a fim de descobrir qual metro português permite as soluções mais satisfatórias para a tradução dos pentâmetros jâmbicos de poemas de língua inglesa sob todos os aspectos estudados.

Conclusões

O estudo permitiu chegar à conclusão de que a melhor forma prosódica a ser utilizada em traduções de pentâmetros jâmbicos é o decassílabo. Constatou-se que os tradutores que usaram dodecassílabos em muitos casos foram obrigados a acrescentar palavras que não correspondiam a nada existente no original, a fim de preencher o número adicional de sílabas. No aspecto sintático, também houve maior ocorrência de mudanças nas traduções em dodecassílabos.

Referências

- 1 - BRITTO, Paulo Henriques. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. **Terceira Margem X** (15), p. 239–254. jul./dez. 2006.
- 2 - SHAKESPEARE, William. **Sonetos**. Trad. e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 339 p.
- 3 - _____. **Os sonetos completos**. Trad. de Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2005. 342 p.
- 4 – _____. **42 sonetos**. Trad. e introdução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 141p.
- 5 – _____. **Sonetos**. Trad. de Jerônimo de Aquino. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1956. 329 p.
- 6 – _____. **Sonetos de Shakespeare**. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Edições do Ouro, 1966. 227 p.
- 7 - VENDLER, Helen. **The Art of Shakespeare's Sonnets**. Cambridge (Massachusetts)/Londres, Belknap, 1997. 672 p.
- 8 – GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2004. 80 p.